

O ensino de sociologia como tema de pesquisa nas ciências sociais brasileiras

Amurabi Oliveira¹ 
 Beatriz Melchiorretto¹ 

Introdução

Entre os temas que recorrentemente têm sido alvo de levantamentos bibliográficos no campo da sociologia destaca-se o da educação, seja pelo fato de ser um objeto de investigação clássico, seja pela relevância social que a questão passa a assumir nas sociedades modernas. No caso brasileiro, acentua-se o fato de que a educação passa a ser compreendida como um elemento importante na consolidação do projeto democrático (Weber, 1996), o que ganha ainda mais relevo com o processo de universalização do ensino fundamental e expansão do ensino médio, assim como do ensino superior.

Nessa direção, dentro dos diversos balanços realizados em período recente acerca da produção no campo da sociologia da educação, tais como Neves (2002), Martins e Weber (2010), Oliveira e Silva (2014; 2016), Almeida e Hey (2018), visibiliza-se a crescente diversificação das temáticas que

envolvem a interface entre esses campos disciplinares. Ao mesmo tempo, tais balanços também indicam sensíveis diferenças existentes na produção acadêmica realizada nas faculdades de educação e nos departamentos de ciências sociais/sociologia – recorrentemente se indica que há maior ênfase nas pesquisas sobre educação básica, no primeiro caso, e sobre ensino superior, no segundo caso.

Percebe-se que principalmente a partir de 2008, com a reintrodução da sociologia no currículo escolar em nível nacional,¹ uma das temáticas que passa a ganhar grande visibilidade é a do ensino de sociologia, o que pode ser interpretado como reflexo da capacidade de as transformações nos sistemas escolares impactarem a agenda de pesquisa das ciências sociais. Todavia, apesar de essa temática ser forjada na interface entre as ciências sociais e a educação, ela se distancia sensivelmente da agenda do campo da sociologia da educação no Brasil, centrada sobre-

1 A sociologia retornou de forma obrigatória em todas as séries do ensino médio em nível nacional a partir de 2008, com a Lei nº 11.684/08, perdendo o *status* de disciplina obrigatória com a Medida Provisória nº 746, de 2016, posteriormente convertida em Lei nº 13.415, de 2017. Todavia, alguns estados já possuíam a sociologia como disciplina curricular em seus sistemas de ensino.

¹Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis (SC), Brasil. E-mails: amurabi_cs@hotmail.com; biaclaudio190@gmail.com

Recebido em: 09/06/2019. Aprovado em: 16/08/2019.

tudo na relação entre as desigualdades sociais e os sistemas de ensino. Nesse sentido, compreendemos que a análise da produção sobre o ensino de sociologia deva ser realizada de forma diferenciada, percebendo o ensino de sociologia como um (sub)campo em processo de autonomização.

Neste balanço, realizamos uma análise acerca da produção sobre ensino de sociologia nos últimos dez anos (2008-2017) a partir dos artigos publicados nos periódicos vinculados a programas de pós-graduação em ciências sociais/sociologia e a sociedades científicas de ciências sociais/sociologia. Organizamos o artigo a partir dos seguintes tópicos:

- apresentação dos fundamentos teóricos e dos procedimentos metodológicos;
- exame dos balanços realizados até o momento sobre a temática;
- análise da produção em artigos acerca do ensino de sociologia divulgada em periódicos entre 2008 e 2017;
- considerações finais.

Procedimentos metodológicos e fundamentos teóricos da pesquisa

A realização de um balanço bibliográfico pode ser feita a partir de diferentes caminhos, que vai desde o levantamento de teses e dissertações, livros e coletâneas, trabalhos em eventos acadêmicos relevantes, artigos em periódicos etc. Considerando o

atual modelo de avaliação da pós-graduação, centrado principalmente na produção acadêmica que circula por meio de periódicos,² realizamos esse primeiro recorte como ponto de partida para nossa análise.

Ao elegermos como material empírico de análise a produção acadêmica divulgada em periódicos científicos, também nos deparamos com diversos recortes, em termos da amostra, que poderiam ser realizados, dada a impossibilidade de analisar todos as publicações existentes nesse segmento. Poder-se-ia optar por analisar aqueles disponíveis em portais, tais como o Scientific Electronic Library Online (SciELO), ou em periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), bem como selecioná-los a partir do *qualis* na área de sociologia etc. Nesta pesquisa, elegemos os periódicos publicados pelos programas de pós-graduação em ciências sociais e em sociologia no Brasil, abarcando ainda os programas com caráter híbrido, tais como de sociologia política e sociologia e antropologia, assim como aqueles publicados por sociedades científicas nacionais na mesma área.

O recorte amostral realizado vincula-se aos pressupostos teóricos adotados neste artigo, assentados especialmente na teoria dos campos de Bourdieu (2004; 2005; 2009). Compreendemos assim o campo como um espaço social de disputas, no qual os agentes implicados nele possuem interesses próprios, que se substanciam na produção da *doxa*. Nessa direção,

2 Considerando-se a área de avaliação da sociologia, segundo o último documento de área de 2016, 40% da nota atribuída aos programas provém da produção intelectual; desta, 50% refere-se à produção qualificada com 60% do peso para a publicação em artigos no estrato superior do *qualis* periódicos e 40% para livros e capítulos de livro no estrato superior do *qualis* livros.

é interessante retomar algumas questões que Bourdieu afirma acerca do campo:

A noção de campo está aí para designar esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias. Se, como o macrocosmo, ele é submetido a leis sociais, essas não são as mesmas. Se jamais escapa às imposições do macrocosmo, ele dispõe, com relação a este, de uma autonomia parcial mais ou menos acentuada. É uma das grandes questões que surgirão a propósito dos campos (ou dos subcampos) científicos será precisamente acerca do grau de autonomia que eles usufruem (BOURDIEU, 2004, p. 20-21).

Para melhor compreender o grau de autonomia de determinado campo (ou subcampo) científico, portanto, deve-se também realizar um esforço para sua reconstituição, compreendendo-o dentro de um processo de formação sócio-histórica, assim como analisando o lugar que seus agentes ocupam em seu processo de formação e dinamização.

Caberia aqui ressaltar a ideia de como estamos operacionalizando a categoria campo no caso do ensino de sociologia, uma vez que não seria consensual entre os pesquisadores se essa área seria de fato um campo ou um subcampo de pesquisas (Ferreira; Oliveira, 2015). Como bem observa Bourdieu (2005), um campo é marcado por sua relativa autonomia, podendo ser mais ou menos autônomo a depender de sua capacidade de refratar as influências externas. Nessa direção, o ensino de sociologia parece se inserir ainda na lógica mais ampla do campo da sociologia acadêmica, uma vez que seus

agentes buscam se integrar em sociedades científicas reconhecidas nacionalmente, participar de congressos nacionais e internacionais em sociologia, participar de programas de pós-graduação na área etc., fazendo parte, portanto, dos espaços de consagração da vida acadêmica (Bourdieu, 2011).

Por outro lado, chama a atenção a existência de determinados elementos que parecem ser próprios desses agentes, como podemos observar no exame do perfil dos participantes do Grupo de Trabalho (GT) Ensino de Sociologia do Congresso da SBS. Predominantemente, encontramos pesquisadores que possuem como formação comum a licenciatura em ciências sociais – o que não parece ser um elemento relevante na legitimação no campo mais amplo da sociologia, cujos agentes normalmente confluem em termos de formação doutoral no caso brasileiro (Dwyer; Barbosa; Braga, 2013) –, além de apresentarem recorrentemente experiência profissional na educação básica (atual ou anterior); no caso dos professores universitários, também encontramos amiúde docentes que são responsáveis por disciplinas específicas da formação de professores em ciências sociais (Oliveira, 2016). Ademais, o advento de um encontro dedicado ao tema a partir de 2009 (Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica – ENESEB), de uma associação científica própria a partir de 2012 (Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais – ABECS) – que possui um periódico próprio – e do Mestrado profissional em ensino de sociologia em rede, cujas primeiras turmas ingressaram em 2018, parecem apontar para um processo de autonomia desse campo.

Com isso, podemos indicar que o ensino de sociologia se apresenta como um campo em processo de autonomização, considerando-se que além dos espaços e dos critérios de legitimação próprios do campo acadêmico da sociologia, passa-se a criar cada vez mais novos critérios de consagração acadêmica. O capital simbólico obtido por um agente no campo da sociologia acadêmica pode ser reconvertido em capital nesse outro campo em processo de autonomização, de modo que professores inseridos em programas de pós-graduação acadêmicos, atuantes em eventos nacionais e internacionais em sociologia, tendem a possuir uma posição privilegiada também no campo do ensino de sociologia, a depender de sua capacidade de acionar também outros critérios de consagração.

O movimento que se observa nos campos científicos brasileiros é o papel central que os programas de pós-graduação possuem na construção e na consolidação de uma agenda de pesquisa. Nesse sentido, deve-se abrir um parêntese para o caso específico na pós-graduação na área de ciências sociais/sociologia no Brasil, pois, apesar do crescente processo de disciplinarização e autonomização das áreas acadêmicas, ainda persiste no Brasil um modelo formativo em nível de graduação a partir das ciências sociais (antropologia, ciência política e sociologia) que se replica em algum grau na pós-graduação. Acerca desses programas, Lima e Cortes (2013, p. 427-428) realizam os seguintes apontamentos:

A criação de programas de pós-graduação em Ciências Sociais ou com composições envolvendo duas das disciplinas básicas, ou

mesmo organizados em “temas” intensificou-se ao longo das duas últimas décadas. O modelo mais clássico pode envolver formação teórico-metodológica nas três disciplinas, e formação específica em uma das três áreas, através de engajamento em áreas de concentração ou linhas de pesquisa voltadas para uma das disciplinas básicas, as quais geralmente tratam da “cultura”, no caso da Antropologia, de “sociedade, organização social, mudança social”, quando se referem à Sociologia, ou de “política, participação e movimentos sociais”, ao abordarem temas da Ciência Política. Outro modelo de Programa de Ciências Sociais, organizado ora em uma perspectiva mais interdisciplinar, ora mais disciplinar, é aquele que se estrutura em torno de temas, tais como a violência, defesa da cidadania, questão racial, gênero, sexualidade, entre outros.

Sendo assim, compreender a dinâmica do campo da sociologia no Brasil implica em considerar não apenas os programas de pós-graduação em sociologia, como também em ciências sociais, assim como aqueles de caráter híbrido entre duas disciplinas acadêmicas. Do mesmo modo, as sociedades científicas – com destaque para a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), fundada em 1950, e a Associação Nacional e Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), fundada em 1977 – possuem relevante papel no processo de legitimação científica dos agentes implicados nesse campo.

Considerando tais aspectos analíticos, nossa amostra circunscreve-se às publicações dos programas de pós-graduação acadêmicos avaliados na área de sociologia, incluindo

também a *Revista Brasileira de Sociologia*, publicada pela SBS, a *Revista Brasileira de Ciências Sociais* e a *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais* (BIB), publicadas pela ANPOCS. Essa amostra abrange um universo heterogêneo de publicações, com revistas que passaram a ser publicadas ainda na década de 1970 e outras mais recentes, que surgiram nos anos 2000 e 2010, decorrentes sobretudo da expansão da pós-graduação da área – do mesmo modo, são revistas com avaliações bastante variadas no *Qualis* CAPES.³

A primeira etapa da coleta se deu junto à plataforma *sucupira*, que registra a existência de 37 programas avaliados na área com cursos de Mestrado e doutorado, 12 apenas com curso de mestrado e um apenas com curso de doutorado, além de dois programas compostos de mestrado profissional. Passou-se então a verificar nos *sites* desses programas a existência de publicações próprias disponibilizadas *on-line*. O levantamento foi realizado em meados de 2018, de modo que as revistas já se encontravam com sua periodicidade regular com relação ao ano de 2017. O período analisado compreende o momento no qual a sociologia possuiu o *status* de disciplina obrigatória no ensino médio, entre os anos de 2008 e 2017. Desse modo, trata-se de um recorte qualitativo também em termos temporais, uma vez que podemos inferir que esse foi um período de produção acadêmica mais intensa sobre o tema.

Foram lidos os títulos e os resumos de todos os artigos publicados pelas revistas selecionados no período indicado, uma vez que apenas a busca por meio das palavras-chave poderia deixar alguns artigos de fora, como acabou acontecendo em levantamentos realizados por outros balanços anteriormente. Nesse sentido, utilizamos uma compreensão alargada sobre o debate no campo do ensino de sociologia, que inclui a história da disciplina, a formação de professores na área, o currículo etc., tanto na educação básica quanto no ensino superior.

Os balanços realizados

Para melhor situarmos nossa discussão, retomaremos alguns balanços já realizados acerca da produção sobre o ensino de sociologia no Brasil, destacando os pontos nos quais pretendemos avançar nessa discussão. Como o próprio debate ganha fôlego apenas em período recente, são relativamente poucos os trabalhos que se propõem a realizar esse tipo de exercício, partindo de diferentes recortes metodológicos. Debruçamo-nos aqui sobre os trabalhos de Handfas (2011; 2017), Handfas e Maçaira (2014), Caregnato e Cordeiro (2014), Eras (2015), Oliveira (2015; 2016), Röwer (2016), Bodart e Cigales (2017), Bodart e Souza (2017), Bodart e Tavares (2018), Handfas e Carvalho (2019).

Apesar de se poder fazer referência a trabalhos históricos, tais como a comuni-

3 No atual momento, o *qualis* está passando por substantivas modificações, de modo que os periódicos estão em processo de reclassificação. Todavia, consideraremos nessa análise a classificação que tais periódicos possuíam na última avaliação, uma vez que a prática dos agentes fora orientada a partir das “regras do jogo” que estavam em curso naquele momento. Ademais, até o momento de finalização deste artigo, ainda não foi publicada a nova classificação definitiva do *qualis*.

cação de Florestan Fernandes (1920-1995) durante o primeiro Congresso Brasileiro de Sociologia em 1954, intitulada “O ensino de sociologia na escola secundária brasileira” (Fernandes, 1980), de fato não encontramos balanços sistemáticos sobre o ensino de sociologia, seja na educação básica, seja no ensino superior, até o período recente, salvo trabalhos de caráter mais ensaístico, tais como a tese para o concurso de livre docência de Luiz Aguiar Costa Pinto (1949).

Diferentemente de outras temáticas clássicas presentes no campo da sociologia brasileira, o debate sobre o ensino parece ter ocupado um espaço menor, ao menos como agenda de investigação, especialmente no que se refere à sua presença na educação básica. Parte dessa questão pode ser explicada pelo fato de que o período de expansão e institucionalização das ciências sociais no ensino superior, e consolidação em relação à formação de quadros e agenda de pesquisa, coincide com um período de ausência da sociologia no currículo escolar. Quando a Reforma Capanema em 1942 extinguiu os cursos complementares, excluindo, com isso, a presença da sociologia do ensino secundário, os cursos de ciências sociais estavam formando as primeiras gerações de sociólogos profissionais, e outorgando os primeiros títulos de pós-graduação na área.⁴ Na década de 1970, quando emergem os primeiros programas de pós-graduação na área, oriundos da Reforma Universitária de 1968,

a sociologia persistia como disciplina escolar inexistente na educação secundária regular.⁵

Com relação aos balanços realizados em período recente, um primeiro fenômeno que pode ser observado é que eles se concentram, sobretudo, na análise dos trabalhos realizados em nível de pós-graduação, por meio de teses e dissertações. Desde o primeiro balanço realizado após a reintrodução nacional da sociologia no currículo escolar, realizado por Handfas (2011), um dado que chama a atenção é a predominância de trabalhos realizados em programas de pós-graduação em educação. Como afirma a autora:

Os dados acima revelam que o tema ensino de sociologia ainda é um objeto de investigação predominantemente da educação. Como já assinaléi anteriormente, razões histórico-institucionais, por um lado, e sociais, por outro, ajudam a explicar essa discrepância. Será preciso, no entanto, aprofundar essa análise, de modo a compreender também as razões epistemológicas desse fenômeno. Vale dizer, o caminho trilhado até aqui ainda não foi suficiente para forjar essa temática como um objeto de estudo das ciências sociais, o que implica necessariamente a definição da problemática em torno da qual possamos tratar os referenciais teóricos e metodológicos das pesquisas sobre o ensino de sociologia na educação básica (Handfas, 2011, p. 397).

4 Os primeiros títulos de mestres e doutores na área de ciências sociais passam a ser outorgados pela Universidade de São Paulo (USP), pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo e pela Faculdade Nacional de Filosofia (FNFil) da Universidade do Brasil. Entretanto, esses títulos não pressupunham necessariamente a existência de cursos regulares, exames obrigatórios etc., o que foi implementado como algo obrigatório para a obtenção de tais títulos com a Reforma Universitária de 1968.

5 Todavia, é importante indicar que a sociologia continuou sendo lecionada nas Escolas Normais, que constituíam cursos secundários de formação profissional para o magistério.

Essa tendência é reafirmada pelo balanço de Handfas e Maçaira (2014). Todavia, esses dados passam a ser questionados por balanços mais recentes, como o de Bodart e Cigales (2017, p. 269), que fazem a seguinte ponderação:

A tendência identificada por Handfas e Maçaira (2014) de que os trabalhos concentravam-se, até o ano de 2012, prioritariamente nos programas de pós-graduação em Educação não é tão clara atualmente (48,1%). Se agruparmos os programas de Ciências Sociais, Sociologia, Antropologia Social, Sociologia Política, Sociologia e Antropologia e Ciência Política, teremos um percentual de 47,8%, bem próximo da participação total de teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação em Educação. Esse incremento deu-se, sobretudo, por mérito dos programas de pós-graduação em Ciências Sociais. Até o ano de 2012, eram 9 dissertações e teses sobre o ensino de Sociologia e, entre 2013 e 2016, tivemos um incremento de 21 trabalhos defendidos/apresentados nesses programas, destacando-se o programa de pós-graduação *stricto sensu* profissional em Ciências Sociais, com 9 dissertações apresentadas em 2015 e uma em 2016. Ressalte-se, ainda, a criação do Mestrado profissional em Ciências Sociais para o Ensino Médio da Fundação Joaquim Nabuco (que formou a primeira turma em 2016); assim como a linha de pesquisa sobre Ensino de Sociologia da Universidade Estadual de Londrina e, por fim, a aprovação pela CAPES (junho de 2016) da abertura do Mestrado

Profissional em Rede para o Ensino de Sociologia (ProfSocio), tendo como instituição âncora a Fundação Joaquim Nabuco, em parceria com 10 instituições de ensino superior do Brasil. Esses programas possivelmente farão com que a produção sobre Ensino de Sociologia ganhe visibilidade quantitativa no interior dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Ciências Sociais, posição até então ocupada pelos programas de pós-graduação em Educação. Assim, observamos uma tendência, de curto prazo, de maior participação dos cursos de Ciências Sociais sobre as pesquisas em ensino de Sociologia.

Com relação à discussão entre esses dois diferentes balanços, valeria a pena realizar duas observações de ordem metodológica:

- o trabalho de Bodart e Cigales (2017) inclui em sua análise as dissertações do Mestrado profissional em Ciências Sociais para o Ensino Médio da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), cujos trabalhos, em sua totalidade, voltam-se para o tema do ensino de sociologia, o que acaba por enviesar a amostra selecionada, implicando também na produção de diferenças com relação ao trabalho de Handfas e Maçaira (2014), que analisam apenas a produção em programas acadêmicos;
- Ambos os trabalhos parecem não fazer menção ao fato de que os programas de pós-graduação em educação são mais numerosos e maiores,⁶ com número mais expressivo de egressos, de tal modo que, mesmo diante de um quantitativo

6 Atualmente, há 85 programas de pós-graduação em educação com cursos de mestrado e doutorado, 50 apenas com curso de mestrado acadêmico e 48 com curso de mestrado profissional.

semelhante, isso implicaria em dizer que proporcionalmente os trabalhos em programas de ciências sociais acabam sendo mais numerosos, ocupando um percentual mais significativo de teses e dissertações dedicadas ao ensino de sociologia no total de títulos outorgados.

Considerando-se a relação entre os programas em ciências sociais/sociologia e os programas em educação, é importante considerar que um número expressivo de programas em sociologia possui linhas de pesquisa vinculadas à temática educacional (Oliveira; Silva, 2016), sendo uma falsa evidência pensar que a pesquisa educacional persiste como periférica junto a tais programas, ainda que poucos façam uma referência direta ao ensino de sociologia. Atualmente, apenas o programa de pós-graduação em ciências sociais da Universidade Estadual de Londrina possui uma linha de pesquisa específica sobre ensino de sociologia, ainda que a inserção de pesquisas relacionadas a essa temática também ocorra junto a programas que não apontam interface com a temática, constituindo-se como um relevante espaço de formação continuada para os docentes da educação básica e para os egressos das licenciaturas em ciências sociais (Silva; Lima, 2017).

Sem embargo, apesar dessas observações, reconhece-se que algumas pesquisas sobre o ensino de sociologia encontram mais espaço nos programas de educação, especialmente quando voltadas para “problemas pedagógicos”, reafirmando assim a relevância das pesquisas desenvolvidas em

tais programas para a consolidação do tema (Oliveira, 2015). Uma hipótese que se pode levantar, portanto, é que em razão de muitas das pesquisas sobre o ensino de sociologia possuírem um tom mais “engajado”, como já fora observado por Moraes (2011), além de mais voltadas para a “prática”, essas pesquisas eventualmente encontram maior afinidade com linhas de pesquisas no campo da educação. Ademais, deve-se considerar que muitos dos pesquisadores dedicados a essa temática são vinculados institucionalmente às Faculdades de Educação, recorrentemente aqueles responsáveis pelas disciplinas de estágio supervisionado/prática de ensino, desenvolvendo suas atividades de pesquisa e orientação nos programas de pós-graduação em educação.

Uma frente de pesquisa que poderia ser aberta, no âmbito desses balanços da produção na pós-graduação, seria a realização de uma análise mais qualitativa desses trabalhos, visando observar se há diferenças no que se refere a temáticas e orientações teóricas e metodológicas entre os trabalhos realizados sobre ensino de sociologia nos programas de educação e nos programas de ciências sociais. Nessa direção, são elucidativas as questões postas por Caregnato e Cordeiro (2014, p. 41):

Constituídas enquanto ciências e institucionalizadas na academia, Sociologia, Antropologia e Ciência Política têm atuação relativamente autônoma frente à necessidade de produzir mudanças ou transformações de curto prazo sobre a realidade estudada. Essa intervenção ou a aplicação imediata do conhecimento produzido ocupa posi-

ção secundária em relação à necessidade de questionamento contínuo dos princípios que orientam descobertas, as quais precisam evoluir de acordo com as transformações permanentes que caracterizam seu objeto de estudo.

A área de conhecimento da Educação, institucionalizada na academia com a criação das faculdades de Educação e dos programas de pós-graduação *stricto sensu*, por ocasião da Reforma Universitária de 1968, é dotada de características particulares que fazem dela um campo complexo. Embora seja campo de conhecimentos científicos, a unidade epistemológica que o caracteriza encontra o limite de um conhecimento produzido na intersecção entre diversas disciplinas. No que pese o uso de linguagem mais ou menos delimitada, seus objetos de pesquisa e de ensino vinculam-se a variados campos disciplinares ou científicos – Psicologia, Antropologia, Sociologia, Filosofia etc. –, o que permite amplo fluxo de elaborações teóricas e epistemológicas.

Nesse contexto, investigar o ensino de Sociologia implica considerar as características dos diferentes espaços sociais representados pelos campos das Ciências Sociais e da Educação e também a relação entre os atores da universidade e da escola.

Compreendemos assim que essas são questões relevantes de serem consideradas, especialmente para o avanço do debate, buscando ir além de trabalhos mais descritivos. Por outro lado, os trabalhos que se voltam para a análise da produção acadêmica no âmbito do GT Ensino de Sociologia, que ocorre regularmente desde 2005 no congres-

so da SBS, conseguem dar um tratamento mais qualitativo à análise dos dados. Röwer (2016) chega a elencar as referências teóricas mais recorrentes nesses trabalhos:

Em relação aos referenciais teóricos é prevalente a fundamentação em teorias críticas da educação com foco na reprodução escolar, na relação entre escolarização e classe social, sobretudo com Pierre Bourdieu (2007) e, da denominada Nova Sociologia da Educação, com Basil Bernstein (1996), cujo foco centra-se na compreensão da organização estrutural curricular como aparelho ideológico. Se até a década de 60 os estudos da Sociologia da Educação e de uma Sociologia Crítica da Educação embasavam-se em perspectivas macrosociais pela relação da distinção entre as classes sociais e o sistema escolar, a década de 70 com a Nova Sociologia da Educação inaugura a pesquisa sociológica na educação em nível microssocial, em que escola, currículo, relações sociais dentro do espaço escolar tornam-se o foco de atenção (Mitrulis, 1983). Contudo, de forma generalizada, a despeito das especificidades teórico-metodológicas, as inegáveis contribuições tanto da Sociologia Crítica da Educação como da Nova Sociologia da Educação para a compreensão da educação escolar centram-se na relação entre conhecimento e poder, na percepção do conhecimento, da escola como construções sociais e por isso passíveis de serem questionados e transformados (Röwer, 2016, p. 145).

A autora indica ainda a presença expressiva de autores como Florestan Fernandes, Wright Mills, Dermeval Saviani e Pau-

lo Freire entre as referências relevantes que se originam tanto no campo da sociologia como no campo da educação. Considerando exclusivamente os autores que são originários do campo da sociologia, observa-se que os trabalhos do GT acompanham uma tendência mais geral da produção na área, pois, como bem nos indica Costa (2010), Bourdieu e Fernandes se encontram entre as referências mais recorrentes nos trabalhos no campo das ciências sociais.

Por outro lado, Oliveira (2016) chama a atenção para o perfil dos pesquisadores, analisando a relação entre as disposições sociais incorporadas e a produção acadêmica no âmbito do ensino de sociologia.

Chama a atenção o número de autores que lecionam ou já lecionaram Sociologia no Ensino Médio, mesmo os pesquisadores que apresentaram seus trabalhos já como professores universitários, o que inclui também aqueles que já coordenaram o GT. Noventa e um (50%) autores já atuaram ou atuam na Educação Básica, tal fenômeno pode explicar, em parte, o tom engajado que alguns trabalhos apresentam, como fora apontado por Moraes (2011), referindo-se às pesquisas realizadas na pós-graduação, bem como a forte presença dos relatos de experiência. Nesta direção, podemos levantar como hipótese o fato de que o interesse dos autores pela temática se liga, por um lado, às mudanças estruturais que têm ocorrido e que propiciam o fomento do debate, por outro, às trajetórias profissionais realizadas. E como nos indica Bourdieu (1996) ao questionar o que ele denomina de “ilusão biográfica” – que nos leva a perceber a biografia, ou au-

tobiografia, como um conjunto coerente e orientado de fatos sequenciais – a biografia só pode ser compreendida ante os deslocamentos dos agentes pelos diversos campos simbólicos. Desse modo, a atuação como professores da Educação Básica parece ser um elemento importante na compreensão da escolha desses autores por esta temática como objeto de reflexão, além do mais, há de se considerar ainda a atuação de muitos deles como formadores de professores, seja como professores de disciplinas teóricas do campo das Ciências Sociais, ou como responsáveis pelas disciplinas tidas como referentes à prática pedagógica nesse campo do saber, o que é o caso de 37 (20,32%) autores (Oliveira, 2016, p. 64-65).

Conjugando essas duas informações presentes nos balanços de Oliveira (2016) e Röwer (2016), podemos inferir que as disposições sociais incorporadas a partir das experiências profissionais possuem um peso mais significativo no que tange à escolha do objeto de investigação, ao menos no caso do ensino de sociologia, ao passo que as disposições sociais incorporadas no âmbito da formação acadêmica situam tendências em termos teóricos no âmbito da produção científica de tais agentes. Handfas e Carvalho (2019), ao analisarem o perfil dos pesquisadores que realizaram pesquisas sobre ensino de sociologia em nível de pós-graduação, também convergem ao indicarem que questões como a formação inicial na licenciatura tem impacto significativo na escolha do objeto de pesquisa e na elaboração da própria trajetória de pesquisa. Interessante perceber, portanto, que, diferentemente do

que ocorre no perfil mais geral dos pesquisadores no campo da sociologia, cuja identidade profissional se constitui principalmente da formação doutoral no contexto brasileiro (Dwyer; Barbosa; Braga, 2013), no caso dos pesquisadores dedicados ao tema do ensino de sociologia oscila-se a formação pós-graduada principalmente entre as ciências sociais e a educação, mantendo-se maior unidade em relação à formação inicial (Oliveira, 2016; Handfas; Carvalho, 2019).

Apesar do peso significativo que as referências teóricas “clássicas” possuem nesses artigos, observa-se também que esse campo é profundamente autorreferido, constando recorrentemente das referências trabalhos produzidos em período recente no Brasil, que constituem, de certa forma, “cânones” já estabelecidos nessa área. Essa hipótese é reforçada pelas análises de Engeroff, Cigales e Tholl (2017), assim como a de Bodart e Tavares (2018), que concluem que existiria uma presença expressiva de trabalhos produzidos no Brasil a partir dos anos 2000 entre as principais referências utilizadas nesses artigos.

Por um lado, a indicação de que no ensino de sociologia há um claro processo de constituição de referências obrigatórias parece refletir um crescente processo de autonomização desse campo, que passa a vigorar sob regras próprias e produz legitimidade para os trabalhos dos agentes envolvidos (Bourdieu, 2007). Porém, por outro lado, esse processo também pode implicar um questionamento da legitimidade desse objeto e a ocupação de uma posição dominada no campo mais amplo da sociologia. Nesses termos, podemos afirmar que o en-

sino de sociologia se configura em um subcampo das ciências sociais (Ferreira; Oliveira, 2015) e, em razão disso, apesar de uma relativa autonomia em relação aos campos científicos das ciências sociais e da educação (Handfas; Carvalho, 2019), que parece ser crescente, ainda se vincula a regras de legitimação postas pelo campo da sociologia. Esse crescente processo de autonomização também fora observado por Bodart e Souza (2017), que se utilizam dos seguintes indicadores para substanciar essa afirmação:

Temos observado um esforço no sentido de compreender a evolução do subcampo “ensino de Sociologia” e seu reconhecimento pela comunidade de cientistas. Nessa direção algumas pesquisas buscaram examinar: (i) o volume de grupos de pesquisas registrados no diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) voltados ao tema; (ii) evolução do número de cursos de licenciatura; (iii) a ampliação do número de dissertações e teses sobre ensino de Sociologia e; (iv) uma análise dos livros coletâneas sobre ensino de Sociologia (Bodart; Souza, 2017, p. 545).

A pesquisa de Eras (2015), ao indicar a crescente proliferação de coletâneas sobre o tema, e a de Brunetta e Cigales (2018), ao apontar a ampliação no número de dossiês temáticos, também nos levam à conclusão de que há um claro processo de autonomização da área do ensino de sociologia, ainda que esses dados também possam ser problematizados, como faremos mais adiante. Bodart e Souza (2017), ao analisarem os dossiês temáticos, percebem as seguintes mudanças:

Nos primeiros anos centrava-se quase que exclusivamente em abordar a institucionalização da Sociologia escolar, enfatizando a importância de sua presença no Ensino Médio; num segundo momento as preocupações se ampliam, girando em torno de como se daria o ensino de Sociologia. Em outros termos: se antes a preocupação era “justificar a permanência da Sociologia no Ensino Médio”, nos últimos anos passou a ser discutir “como está sendo ou deve ser o ensino de Sociologia”. Com a recente reforma do Ensino Médio, pode ser que as preocupações daquele período ressurgam com certa força, o que nos parece ser legítimo e necessário (Bodart; Souza, 2017, p. 556).

O importante é perceber como que esses diversos balanços realizados até o momento possuem pontos de convergência, sobretudo a partir da percepção de que há ampliação substantiva e rápida da produção acadêmica em torno do ensino de sociologia. Falta, no entanto, uma avaliação mais qualitativa sobre o montante dessa produção acumulada, especialmente em nível de pós-graduação (Silva, 2010). Notadamente, esses dados podem ser relativizados se considerarmos também a ampliação da produção acadêmica das ciências sociais em sua totalidade, uma vez que também ocorreu em período recente uma expansão substancial da graduação e da pós-graduação na área, principalmente a partir dos anos 2000 (Lima, 2019).

A produção sobre ensino de sociologia no Brasil hoje

Como indicado anteriormente, nossa análise recai sobre as revistas publicadas por

sociedades científicas de ciências sociais, assim como por programas de pós-graduação acadêmicos dessa área. Excluiu-se aqui tanto o programa de pós-graduação em Ciências Sociais para o Ensino Médio como os *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais*, publicados pela ABECS, dada a especificidade de ambos, de modo que poderiam potencialmente enviesar a amostra. Deve-se considerar ainda que há programas de pós-graduação que não possuem revistas próprias, e que não realizamos a análise de revistas discentes, centrando a análise nas revistas que constituem o veículo oficial de divulgação científica dos referidos programas e associações. Nesses termos, nossa amostra foi constituída das revistas elencadas no Quadro 1.

Observa-se assim que nossa amostra foi constituída de 37 revistas, das quais 33 são publicadas por programas de pós-graduação. Isso significa dizer que, dos 50 programas de pós-graduação acadêmicos, 74% possuem revistas próprias. Em alguns casos foram encontrados programas que indicavam em seus sites apenas a existência de revistas publicadas pelo seu corpo discente, que em razão dos critérios já expostos não foram incorporadas nessa análise. Também é um dado importante perceber que 22 (59%) das revistas que compõem a amostra se encontram no estrato superior (A1, A2, B1), o que aponta para uma clara afinidade entre esse tipo de publicação e os critérios de avaliação institucional promovidos pela CAPES. Em alguns casos, as revistas que possuem menores notas ou estão sem periodicidade regular, não havendo o indicativo em seus sites se o projeto editorial foi abandonado ou se apenas sofreu inter-

rupções ou, ainda, se são revistas que passaram a ser publicadas em período recente. Doze (54%) das revistas que estão situadas

no estrato superior já publicaram artigos relacionados ao ensino de sociologia e, do conjunto total de revistas analisadas, em 19

Quadro 1 - Revistas consultadas.

Nome da revista	Instituição que a publica	Avaliação <i>qualis</i> 2016 (área de sociologia)
<i>Revista Brasileira de Sociologia</i>	Sociedade Brasileira de Sociologia	A2
<i>BIB</i>	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais	B4
<i>Revista Brasileira de Ciências Sociais</i>	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais	A1
<i>Sociologias</i>	Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFRGS)	A1
<i>Tempo Social</i>	Programa de Pós-Graduação em Sociologia (USP)	A1
<i>Estado e Sociedade</i>	Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UnB)	A1
<i>Contemporânea — Revista de Sociologia da UFSCar</i>	Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFSCar)	A2
<i>Sociologia & Antropologia</i>	Programa de Pós-Graduação em Sociologia & Antropologia (UFRJ)	A1
<i>Tômo</i>	Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFS)	B1
<i>Política & Trabalho</i>	Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFPB)	B1
<i>Revista de Ciências Sociais</i>	Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFC)	B1
<i>Norus — Novos Rumos Sociológicos</i>	Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFPEL)	B3
<i>Latitude</i>	Programa de Pós-Graduação em Sociologia (Ufal)	B3
<i>Estudos de Sociologia</i>	Programa de Pós-Graduação em Sociologia (Unesp/Araraquara)	B1
<i>Estudos de Sociologia</i>	Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFPE)	B1
<i>Revista de Sociologia e Política</i>	Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFPR)	B1
<i>Interseções</i>	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UERJ)	B1
<i>Dados</i>	Instituto de Estudos Sociais e Políticos (Iesp/UERJ) ⁷	A1
<i>Teoria & Sociedade</i>	Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFMG)	B5
<i>Terceiro Milênio: revista crítica de sociologia e política</i>	Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (UENF)	C
<i>Política & Sociedade</i>	Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (UFSC)	B1
<i>O Público e o Privado</i>	Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UECE)	B2
<i>Sociedade e Cultura</i>	Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFG)	B2

7 O referido instituto é constituído de dois programas de pós-graduação, em sociologia e em ciência política.

Continua...

Quadro 1 – Continuação

Nome da revista	Instituição que a publica	Avaliação <i>qualis</i> 2016 (área de sociologia)
<i>Olhares Sociais</i>	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFRB)	B4
<i>Civitas</i>	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PUC-RS)	A1
<i>Ciências Sociais</i>	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Unisinos)	A2
<i>Século XXI</i>	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFSM)	B2
<i>Raízes</i>	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFCG)	B1
<i>Cadernos do CRH</i>	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFBA)	A1
<i>Revista Pós-Ciências Sociais</i>	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFMA)	B1
<i>Cronos</i>	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFRN)	B4
<i>Teoria e Cultura</i>	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFJF)	B2
<i>Mediações</i>	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UEL)	B1
<i>Desigualdade & Diversidade</i>	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PUC-RJ)	B5
<i>Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política</i>	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFU)	B3
<i>Ponto-e-vigila</i>	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PUC-SP)	B3
<i>Cadernos Eletrônicos de Ciências Sociais</i>	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Ufes)	B5

BIB: Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais; UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; USP: Universidade de São Paulo; UnB: Universidade de Brasília; UFSCar: Universidade Federal de São Carlos; UFRJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro; UFS: Universidade Federal de Sergipe; UFPB: Universidade Federal da Paraíba; UFC: Universidade Federal do Ceará; UFPel: Universidade Federal de Pelotas; Ufal: Universidade Federal de Alagoas; Unesp: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; UFPE: Universidade Federal de Pernambuco; UFPR: Universidade Federal do Paraná; UERJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Iesp: Instituto de Estudos Sociais e Políticos; UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais; UENF: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro; UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina; UECE: Universidade Estadual do Ceará; UFRB: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; PUC-RS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Unisinos: Universidade do Vale do Rio dos Sinos; UFSM: Universidade Federal de Santa Maria; UFCG: Universidade Federal de Campina Grande; CRH: Centro de Estudos e Pesquisas em Humanidades; UFBA: Universidade Federal da Bahia; UFMA: Universidade Federal do Maranhão; UFRN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte; UFJF: Universidade Federal de Juiz de Fora; UEL: Universidade Estadual de Londrina; PUC-RJ: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; UFU: Universidade Federal de Uberlândia; PUC-SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Ufes: Universidade Federal do Espírito Santo.

(51%) delas já ocorreu a publicação de artigos relacionados ao tema. Percebe-se com isso que a temática tem conseguido se inserir em importantes espaços de legitimação acadêmica, utilizando-se, para tanto, sobre-

tudo da estratégia de organização de dossiês temáticos, como veremos mais adiante.

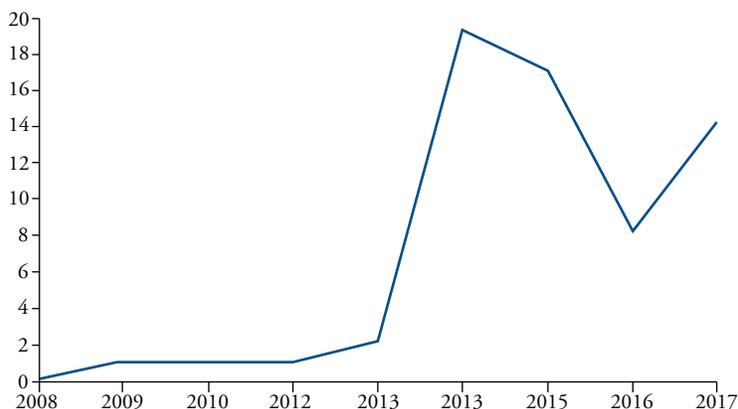
Em levantamento bibliográfico semelhante, Bodart e Tavares (2018) analisam as publicações sobre ensino de sociologia nos

periódicos situados no estrato superior da área de avaliação de sociologia, incluindo aí revistas que são editadas por programas de pós-graduação em educação e áreas afins, chegando a 65 artigos publicados no período temporal compreendido entre 1997 e 2017. Os autores afirmam que esses artigos são referenciados em poucas obras e autores, e principalmente em outros artigos científicos, o que demonstra o momento de maturação e de constituição do ensino de sociologia como um “subcampo” acadêmico. Apesar de a pesquisa de Bodart e Tavares (2018) nos revelar questões interessantes, ela acaba por escamotear outras, uma vez que deixa de lado o papel das revistas que não estão situadas no estrato superior, ainda que este também seja um recorte de análise válido. Todavia, se compararmos com o levantamento de Brunetta e Cigales (2018), que analisam os dossiês produzidos sobre o ensino de ciências sociais/sociologia entre 2007 e 2015, podemos observar que dos 18 dossiês analisados apenas cinco foram publicados por revistas no estrato superior, sendo que, destas, duas são editadas

por programas de pós-graduação em educação, de tal modo que esse dado nos possibilita visualizar o papel significativo dos períodos situados no estrato inferior do *Qualis* no processo de divulgação científica desse debate. Compreende-se assim que, apesar de essas revistas ocuparem posições diferentes na estrutura da hierarquia acadêmica, relevam elementos importantes acerca da agenda de pesquisa das ciências sociais no Brasil, com ênfase na sociologia.

Todavia, a heterogeneidade que estamos lidando aqui não se dá apenas no nível das revistas, pois envolve ainda o escopo das publicações, uma vez que o debate acerca do ensino de sociologia abarca um conjunto bastante plural de pesquisas, que debatem a história da disciplina na realidade escolar e no ensino superior, os cursos de formação de professores, as práticas pedagógicas, a avaliação de políticas educacionais que incidem sobre essa realidade, o currículo de sociologia etc. Nessa direção, podemos indicar a existência de 65 artigos publicados no período sobre o tema, distribuídos, em termos temporais, conforme o Gráfico 1.

Gráfico 1 – Número de artigos publicados entre 2008 e 2017 sobre ensino de sociologia, nas revistas analisadas.



Este expressa a produção crescente ao longo dos anos, mas com picos significativos em alguns momentos. É interessante perceber que os picos de produção ocorrem nos momentos nos quais são publicados dossiês temáticos, relacionados direta ou indiretamente ao tema do ensino de sociologia, ou, de forma mais geral, à relação entre ciências sociais e educação.

Em 2014, foram publicados três dossiês nas seguintes revistas: “Ciências sociais e o ensino de sociologia”, organizado por Heloísa de Souza Martins (Universidade de São Paulo – USP) e Ileizi Silva (Universidade Estadual de Londrina – UEL) na *Revista Brasileira de Sociologia* (SBS); “Sociologia no ensino médio”, organizado por Danyelle Nlin Gonçalves na *Revista de Ciências Sociais* (Universidade Federal do Ceará – UFC); e “As ciências sociais e os desafios da formação escolar no século XXI”, organizado por Rosemary de Almeida (Universidade Estadual do Ceará – UECE) e Ileizi Silva (UEL) na revista *O Público e o Privado* (UECE). Em 2015, mais dois dossiês foram publicados: “Sociologia e educação”, organizado por Amurabi Oliveira (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC) e Diego Pereyra (Universidade Nacional do Litoral – UNL/Argentina) na revista *Política & Sociedade* (UFSC); e “Ensino de sociologia na educação básica – ENESEB 2015”, organizado por Carlos Gadea (Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos), Daniel Mocelin (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS) e Leandro Raizer (UFRGS) na revista *Ciências Sociais Unisinos* (Unisinos). Em 2016, mais três: “Teoria social e educação”, organizado por Fernando Tavares Junior (Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF) e Luiz Flávio Neubert (UFJF) na revista *Teoria e Cultura* (UFJF); “Ciências

sociais, ensino e sociedade”, organizado por Karla Danielle da Souza (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN) e Ana Laudelina Ferreira Gomes (UFRN) na revista *Cronos* (UFRN); e “Perspectivas antropológicas e sociológicas em educação”, organizado por Luiz Alberto Couceiro (Universidade Federal do Maranhão – UFMA), Juarez Lopes de Carvalho Filho (UFMA) e Guiliana Franco Leal (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ) na *Revista Pós Ciências Sociais* (UFMA). Por fim, mais um dossiê foi publicado, dessa vez em 2017: “Ensino de sociologia: percursos e desafios”, organizado por Rogéria Martins (Universidade Federal de Viçosa – UFV) e Paulo César Pontes Fraga (UFJF) na revista *Teoria e Cultura* (UFJF). Majoritariamente, estamos nos referindo aqui a dossiês em revistas situadas no estrato superior do *Qualis* (apenas três delas não pertencem a esse grupo).

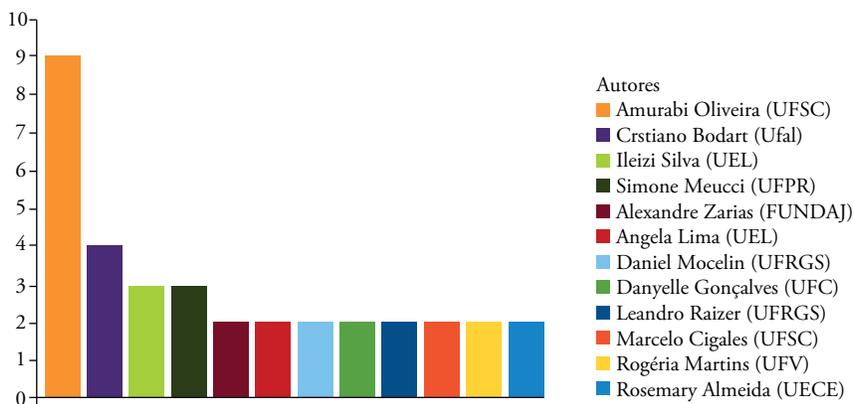
Nessa direção, podemos perceber que os dossiês ocupam lugar central no processo de organização dessa agenda de pesquisa, sendo o principal veículo de divulgação desses trabalhos. Dos 65 artigos aqui analisados, 48 (73,84%) foram publicados em dossiês temáticos, o que pode apontar, por outro lado, certa dificuldade de inserção dos artigos sobre ensino de sociologia nas seções “livre” ou de “fluxo contínuo” das revistas. Logo, os dossiês constituem um dado interessante ao se apresentarem como uma expressão das estratégias traçadas pelos agentes envolvidos no campo do ensino de sociologia no processo de legitimação desse objeto de pesquisa. É interessante constatar que, nessa área, as publicações coletivas, por meio de coletâneas e números temáticos, são recorrentes (Oliveira; Binsfeld, 2018), predominando em relação aos trabalhos monográficos dedicados ao tema.

Se considerarmos a complexa relação que existe entre centro e periferia nos processos de publicação científica (Beigel, 2013) e, além disso, que as próprias periferias possuem periferias internas (Scott, 2014), devemos reconhecer que o ensino de sociologia como temática de investigação ocupa uma posição menos privilegiada nesse campo, apresentando certa dificuldade de inserção dos espaços de consagração mais consolidados. Nesse sentido, vale a pena ressaltar a relevância do desenvolvimento dessas estratégias de publicação, que são, sobretudo, estratégias coletivas. Também a abertura de novos espaços, tais como a criação de revistas especializadas – a *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais* –, aponta para o desenvolvimento de estratégias coletivas. Todavia, dado o grau de autonomia relativa do campo do ensino de sociologia com relação à sociologia como um

todo, deve-se evidenciar que as revistas publicadas pelos programas de pós-graduação e pelas sociedades científicas na área continuam a ocupar uma posição privilegiada no processo de consagração acadêmica dos agentes.

Outro dado interessante que chama a atenção nesse levantamento é o estabelecimento de um número relativamente pequeno de agentes que animam o debate, de modo que alguns autores aparecem recorrentemente nesses trabalhos. Doze desses autores publicaram 29 (44,61%) dos artigos aqui analisados, considerando-se ainda que, em muitos casos, trata-se de artigos escritos em coautoria entre eles. Entre os autores mais recorrentes, que publicaram mais de um trabalho entre os artigos que compõem essa amostra, podemos destacar, conforme o Gráfico 2, alguns nomes.

Gráfico 2 – Número de artigos publicados pelos autores mais recorrentes na amostra analisada.



UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina; Ufal: Universidade Federal de Alagoas; UEL: Universidade Estadual de Londrina; UFPR: Universidade Federal do Paraná; Fundaj: Fundação Joaquim Nabuco; UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; UFC: Universidade Federal do Ceará; UFV: Universidade Federal de Viçosa; UECE: Universidade Estadual do Ceará.

Os dados do gráfico evidenciam maior concentração de pesquisadores nas regiões Sul e Nordeste do Brasil, com participação pouco expressiva de autores da região Sudeste – em que pesa o fato de esta região concentrar parte significativa dos cursos de pós-graduação na área de ciências sociais. Isso não significa dizer em absoluto que há ausência de pesquisadores dedicados ao tema nas demais regiões do Brasil; porém, isso pode refletir configurações específicas do campo, como para o fato de que em instituições como a USP e a UFRJ tais discussões são capitaneadas por pesquisadores vinculados às faculdades de educação. Considerando esse fenômeno, bem como as regras do campo universitário, podemos observar que eles tendencialmente concentram seus esforços em relação a publicações acadêmicas em periódicos da área de educação.

Tais pesquisadores, apesar de dedicados ao tema do ensino de sociologia, também produzem em outras áreas de conhecimento, tais como religião, pensamento social brasileiro, violência, juventude, ciência e tecnologia, trabalho etc., além de escreverem com frequência sobre temas distintos que estão abarcados pelo debate mais geral intitulado “ensino de sociologia”. Em outros termos, podemos observar que o ensino de sociologia recorrentemente surge como um tópico na agenda desses pesquisadores, podendo ou não ser o principal tema de pesquisas deles. Apenas três deles pesquisaram temas relacionados ao ensino de sociologia em seus mestrados e/ou doutorados, de modo que podemos inferir que a inserção nessa área de pesquisa se deu *a posteriori*, aparentemente motivada por demandas postas em seus cam-

pos de atuação profissional. Também chama atenção o fato de que todos realizaram sua formação doutoral em programas de sociologia ou ciências sociais.

Também é interessante perceber que nove desses dez pesquisadores são professores universitários, sendo sete deles vinculados a programas de pós-graduação na área de ciências sociais. Em seu conjunto, tais pesquisadores concluíram a orientação de 25 trabalhos de mestrado e dois de doutorado relacionados ao tema do ensino de sociologia em programas avaliados na área de ciências sociais majoritariamente, havendo apenas dois trabalhos de mestrado em educação orientados por um dos pesquisadores desse grupo. Esse dado pode indicar que parte de suas publicações reflete a coordenação de pesquisas realizadas em conjunto com seus orientandos.

Levando-se em consideração as disposições sociais incorporadas, chama a atenção o fato de que 11 autores lecionam ou lecionaram disciplinas vinculadas à formação de professores em ciências sociais em cursos de licenciatura, tais como estágio supervisionado, laboratório de prática de ensino, sociologia da educação etc.; e seis deles já lecionaram sociologia na educação básica em momento anterior a suas atividades no ensino superior. Tais dados podem indicar que a inserção profissional e o contato com a educação básica de tais pesquisadores constituem dado significativo no processo de elaboração de uma agenda de pesquisa. Perfil semelhante encontramos entre os autores de trabalhos no GT Ensino de Sociologia do Congresso da SBS, com a diferença de que nesse GT encontramos também uma presença expressiva de pesquisadores vinculados às faculdades de educação (Oliveira, 2016).

Também vale a pena mencionar que, entre os autores dos 65 trabalhos, apenas dois são bolsistas de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o que aponta para uma presença pouco expressiva de agentes que ocupam uma posição privilegiada no campo das ciências sociais brasileiras, considerando-se que esse é um dos elementos de distinção científica mais amplamente reconhecido pelos pares. Essa posição periférica dos agentes envolvidos nesse processo é reforçada pelo fato de que encontramos nesse grupo apenas três vinculados a programas de pós-graduação avaliados com nota 5 ou superior na área de sociologia, estando os demais vinculados a programas nota 4 ou 3, ou sem vínculo como docentes de programa de pós-graduação.

No conjunto de autores dos 65 artigos, há uma pequena participação de autores estrangeiros: “Atención, sociólogos trabajando. Desafíos de la inserción profesional de los primeros sociólogos y sociólogas en Argentina (1961-1985)”, de autoria de Diego Pereyra, Magdalena Balcaza Blanch, Vanina Paiva, Lautaro Lazarte, Esteban Vila (Argentina);⁸ “Ética, moral e política na visão de

professores brasileiros e alemães”, de autoria de Silke Weber (UFPE) e Thomas Leithauser (Alemanha),⁹¹⁰⁹ além da tradução de um artigo do francês para o português, “A sociologia frente aos riscos dos livros didáticos de ciências econômicas e sociais”, de Philippe Vitale (França),¹¹²¹⁰ e da publicação da conferência “Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino da Sociologia?”, de autoria de Bernard Lahire (França).¹³¹⁴¹¹ Essa parca participação de pesquisadores estrangeiros pode significar uma necessidade de se internacionalizar o debate (Oliveira, 2014), o que incluiria também o desenvolvimento de pesquisas comparadas realizadas por pesquisadores brasileiros,¹⁵ seguindo uma tendência mais ampla que vem ocorrendo na sociologia brasileira (Scalon; Miskolci, 2018) e que pode ser compreendida como um elemento relevante no processo de disputas do campo acadêmico. O desafio para a internacionalização do debate encontra-se ainda na demanda por publicações em língua estrangeira por parte dos agentes desse campo. Revistas como a *Teaching Sociology* – publicação editada desde 1973 pela Associação Americana de Sociologia – nunca publicaram artigos de autores brasileiros, o

8 Artigo publicado na revista *Política & Sociedade*, v. 14, n. 31.

9 Artigo publicado na revista *Estudos de Sociologia*, Recife, v. 16, n. 1.

10 Artigo publicado na revista *Estudos de Sociologia*, Recife, v. 16, n. 1.

11 Tradução publicada na revista *Política & Sociedade*, v. 14, n. 31. A versão original, “La sociologie au risque des manuels: l'exemple des manuels en classe de seconde Sciences Economiques et Sociales”, foi publicada na *Revue Française de Pédagogie*, n. 134.

12 Tradução publicada na revista *Política & Sociedade*, v. 14, n. 31. A versão original, “La sociologie au risque des manuels: l'exemple des manuels en classe de seconde Sciences Economiques et Sociales”, foi publicada na *Revue Française de Pédagogie*, n. 134.

13 Conferência inaugural do III ENESEB, realizado em 2013, na cidade de Fortaleza, Ceará.

14 Conferência inaugural do III ENESEB, realizado em 2013, na cidade de Fortaleza, Ceará.

15 Foi encontrado apenas um artigo produzido por uma pesquisadora brasileira que analisa a realidade do ensino de sociologia em outro país (Portugal), além do já citado artigo escrito por uma pesquisadora brasileira e um alemão, no qual se compara as perspectivas de professores no Brasil e na Alemanha sobre suas práticas.

que pode ser interpretado como reflexo de certa dificuldade de inserção desses agentes em um debate internacional. Em todo o caso, não podemos desconsiderar a participação desses mesmos agentes em eventos acadêmicos internacionais, especialmente no caso daqueles que promovem um debate sul-sul, tais como o Congresso Português de Sociologia, o Congresso da Associação Latino Americana de Sociologia, entre outros.

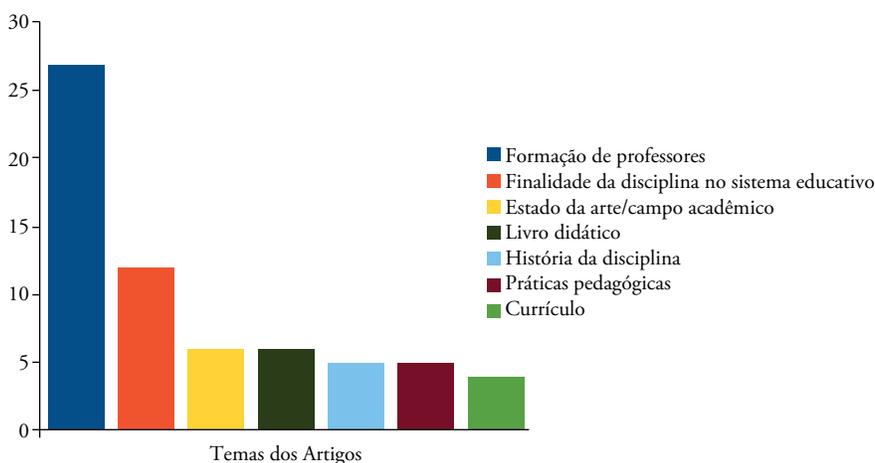
Ao analisarmos as temáticas exploradas nos artigos, podemos perceber como a rubrica “ensino de sociologia” abarca um conjunto relativamente heterogêneo de temas, cuja classificação nos leva a alguma arbitrariedade. Com relação às temáticas, o Gráfico 3 apresenta os temas mais recorrentes. Deve-se realizar um adendo, chamando atenção para o fato de que em recorrentes casos os artigos se encontram em uma interface de temáticas, pois analisam, por exemplo, como ocorria a formação de professores de ciências sociais em determinado período histórico – nesse caso, a classificação

do artigo em uma determinada área reflete o modo como, a partir da leitura do trabalho, percebemos o objetivo principal do artigo.

A predominância do debate vinculado à formação de professores poderia ser explicada em parte pela relação que se coloca entre as práticas e as disposições sociais incorporadas (Bourdieu, 2009), uma vez que isso se relaciona diretamente à atuação profissional da maior parte dos autores, sendo a maioria professores universitários atuantes nos cursos de ciências sociais. Do mesmo modo, mesmo quando as pesquisas realizadas das quais resultam os artigos voltam-se para outros temas, tais como a investigação acerca das percepções das finalidades na disciplina no contexto escolar, amiúde os sujeitos de pesquisa são os professores. Apenas em dois trabalhos encontramos os alunos como sujeitos de pesquisa.

A discussão acerca da formação de professores centra-se, sobretudo, na formação inicial docente, ganhando destaque a análise sobre os impactos do Programa Institucional

Gráfico 3 – Temas mais recorrentes entre os artigos analisados.



de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) nas licenciaturas em ciências sociais. Todavia, ressalta-se que o escopo da discussão sobre a formação de professores tem sido ampliado em período recente, passando a abarcar também trabalhos que se voltam para a formação continuada e não apenas a inicial, o que reflete, em parte, a criação dos mestrados profissionais voltados para o ensino de sociologia.

Os estudos que se voltam para a finalidade da disciplina tendem a analisar essa questão desde um ponto de vista das políticas educacionais, mas também empiricamente, a partir da investigação com os agentes escolares e reflexões teóricas mais amplas. Do mesmo modo, os trabalhos que incidem sobre as práticas pedagógicas tendem a realizar pesquisas mais empíricas, que abarcam também a inserção de determinados conteúdos e temáticas no ensino dessa disciplina.

Os contínuos estados da arte, que em parte já foram explorados neste artigo, recaem quase que exclusivamente sobre as teses e as dissertações e sobre os trabalhos apresentados no GT Ensino de Sociologia no Congresso da SBS, o que também se articula com outros trabalhos mais gerais que trazem uma reflexão sobre o campo acadêmico – o que é operacionalizado por meio de avaliações de eventos acadêmicos, como o ENESEB, coletâneas publicadas etc. Há um esforço nesse conjunto de trabalhos em demonstrar que o ensino de sociologia seria uma temática em processo de consolidação, se não já consolidada, na agenda de pesquisas das ciências sociais brasileiras.

Por fim, os debates sobre a história da disciplina, o currículo e o livro didático se apresentam como temas recorrentes nos diferentes balanços realizados, seja a partir

do GT Ensino de Sociologia, seja com base no conjunto de teses e dissertações sobre o tema, de tal modo que poderíamos indicar que são temas já “clássicos” nesse debate. No caso dos artigos sobre livros didáticos, é interessante perceber que a partir da inserção da sociologia no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), em 2012, o escopo empírico de análise passa a se reduzir, basicamente, aos livros aprovados em tais programas, ainda que o mercado editorial continue a produzir outros materiais que circulam nas escolas e entre os professores.

Podemos observar ainda que a maior fragilidade desses trabalhos se encontra na questão metodológica, uma vez que as referências aos procedimentos de pesquisa desenvolvidos para a obtenção dos resultados apresentados são normalmente vagas ou inexistentes nos artigos. Também podemos indicar que, apesar de haver uma mudança em curso, muitos trabalhos se assentam largamente em experiências empíricas dos autores – o que inclui coordenação de Pibid, a própria docência junto às disciplinas de estágio supervisionado etc. – e não necessariamente em uma pesquisa científica sistemática, aproximando-se, em alguns casos, de um relato de experiência, o que pode apontar para a relevância desse gênero de escrita para o debate específico do ensino de sociologia no Brasil.

Essas características recorrentes nos trabalhos sobre o ensino de sociologia podem, em parte, explicar a dificuldade de encontrarmos mais artigos com essa temática nas seções “livre” e “fluxo contínuo” das revistas analisadas, uma vez que estas tendem a ser seções mais concorridas academicamente, com grau de exigência, por vezes, maior – ao passo que os dossiês temáticos são compostos, em

muitos casos, de artigos enviados a partir de convites realizados pelos organizadores aos autores. Sem embargo, a centralidade dos dossiês nesse processo também releva o desenvolvimento de estratégias dos agentes nas disputas desenvolvidas no campo acadêmico que se relacionam à busca pela legitimação desse objeto em determinado campo científico.

Considerações finais

O presente trabalho teve como finalidade analisar a presença da sociologia na agenda de pesquisa das ciências sociais brasileiras, o que se buscou captar por meio da presença de artigos vinculados a essa temática em revistas publicadas por programas de pós-graduação avaliados na área de sociologia e por associações científicas. Foi indicado que a maior parte dessas revistas já publicou artigos relacionados ao tema – 51% no total das revistas e 54% daquelas situadas no estrato superior.

Pudemos verificar que a produção nessa área tem crescido continuamente nos últimos anos, impulsionada nessas revistas sobretudo pela organização de dossiês temáticos nos quais se concentram a maior parte dos artigos (73,81%), o que aponta para o fato de que a organização desse tipo de publicação é possivelmente a principal estratégia utilizada na busca por legitimação científica do tema no campo das ciências sociais.

Observou-se ainda que um pequeno número de pesquisadores concentra parte expressiva da produção, o que pode apontar a existência de uma comunidade de investigadores dedicados ao tema ainda em formação. Tais pesquisadores concentram-se, sobretudo, no

Sul e no Nordeste do Brasil, com vínculo institucional predominantemente (91%) junto aos Departamentos de Ciências Sociais/Sociologia.

Apesar de claro predomínio da temática da formação de professores no debate, podemos perceber a existência de ampla gama de outras questões relevantes para esses pesquisadores, o que se reflete na agenda de pesquisa do campo da educação, que tem viés “prático”, de modo que as demandas postas no campo formativo e as políticas educacionais incidem fortemente no processo de seu delineamento.

Embora ainda compreendamos o ensino de Sociologia como um campo em processo de consolidação, que mais se aproxima de um subcampo, uma vez que tende a seguir normas mais gerais do campo científico da sociologia, com um relativo baixo grau de autonomização (Ferreira; Oliveira, 2015), devemos destacar que o avanço desse debate é inegável na agenda das ciências sociais brasileiras. Em que pese o fato de os sociólogos da educação vinculados a departamentos de ciências sociais/sociologia se dedicarem majoritariamente ao tema do ensino superior (Martins; Weber, 2010), observamos em período mais recente uma relevância maior da temática da educação básica, particularmente a questão do ensino de sociologia (Oliveira; Silva, 2016).

Há alguns pontos da agenda que possivelmente devem se ampliar nos próximos anos, o que inclui maior atenção ao ensino de sociologia no ensino superior (Bomeny, 2017) ou mesmo uma avaliação mais qualitativa sobre os processos de aprendizagem da sociologia no contexto escolar. O debate ainda está aberto e continua a receber contribuições importantes de uma crescente comunidade de pesquisadores.

Bibliografia

- ALMEIDA, A. M. F.; HEY, A. P. Sociologia da educação: olhares sobre um campo em ascensão. *In*: MICELI, S.; MARTINS, C. B. (orgs.). **Sociologia Brasileira Hoje**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2018. p. 253-310.
- BEIGEL, F. Centros y periferias en la circulación internacional del conocimiento. **Nueva Sociedad**, Quito, n. 245, p. 110-123, 2013.
- BODART, C.; CIGALES, M. Ensino de sociologia no Brasil (1993-2015): um estado da arte na pós-graduação. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 48, n. 2, p. 256-281, 2017.
- BODART, C.; SOUZA, E. D. Configurações do ensino de sociologia como um subcampo de pesquisa: análise dos dossiês publicados em periódicos acadêmicos. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 53, n. 3, p. 543-557, 2017. <http://doi.org/10.4013/csu.2017.53.3.14>
- BODART, C.; TAVARES, C. dos S. A produção sobre o ensino de sociologia escolar nos periódicos brasileiros *on-line* de estratos superiores, 1996-2017. *In*: MAÇAIRA, J. P.; FRAGA, A. B. (orgs.). **Saberes e Práticas do Ensino de Sociologia**. Rio de Janeiro: Autografia, 2018. p. 57-102.
- BOMENY, H. (org.). **Ensino de Sociologia na graduação**. Perspectivas e Desafios. Brasília: AnnaBlume; SBS, 2017.
- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, P. **Homo Academicus**. Florianópolis: EDUFSC, 2011.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BOURDIEU, P. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Unesp, 2004.
- BRUNETTA, A. A.; CIGALES, M. P. Dossiês sobre o ensino de Sociologia no Brasil (2007-2015): Temáticas e autores. **LatITUDE**, Maceió, v. 12, n. 1, p. 148-171, 2018.
- CAREGNATO, C. E.; CORDEIRO, V. C. Campo científico-acadêmico e a disciplina de sociologia na escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 39-57, jan./mar. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S2175-62362014000100004>
- COSTA, S. Teoria como adição. *In*: MARTINS, C. B.; MARTINS, H. H. S. (orgs.). **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Sociologia**. São Paulo: ANPOCS, 2010. p. 20-36.
- COSTA PINTO, L. A. **O ensino de sociologia na escola secundária**. Tese (Livre-Docência) – Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, 1949.
- DWYER, T.; BARBOSA, M. L.; BRAGA, E. Esboço de uma morfologia da sociologia brasileira: perfil, recrutamento, produção e ideologia. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 1, n. 2, p. 145-178, 2013. <http://dx.doi.org/10.20336/rbs.46>
- ENGERROFF, A. M.; CIGALES, M.; THOLL, J. Quem conta a história do ensino de Sociologia no Brasil? Um estudo bibliométrico. **Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais**, v. 1, n. 2, p. 65-87, 2017.
- ERAS, L. Nas trilhas dos livros coletâneas: um ensaio bibliográfico. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 14, n. 31, p. 283-292, 2015. <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7984.2015v14n31p283>
- FERNANDES, F. **A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1980.

- FERREIRA, V. R., OLIVEIRA, A. O Ensino de Sociologia como um campo (ou subcampo) científico. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, v. 37, n. 1, p. 31-39, 2015. <http://dx.doi.org/10.4025/actascihumansoc.v37i1.25623>
- HANDFAS, A. As pesquisas sobre o ensino de sociologia na educação básica. *In*: SILVA, I. F.; GONÇALVES, D. N. (orgs.). **Sociologia na educação básica**. São Paulo: Annablume, 2017. p. 367-385.
- HANDFAS, A. O Estado da Arte do ensino de sociologia na educação básica: um levantamento preliminar da produção acadêmica. **Inter-Legere**, Natal, v. 1, n. 9, p. 386-400, 2011.
- HANDFAS, A.; CARVALHO, I. Ensino de sociologia: a constituição de um subcampo de pesquisa. **Em Tese**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 214-230, 2019. <https://doi.org/10.5007/1806-5023.2019v16n1p214>
- HANDFAS, A.; MAÇAIRA, J. P. O estado da arte da produção científica sobre o ensino de sociologia na educação básica. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, v. 2, n. 74, p. 43-59, 2014.
- LAHIRE, B. Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino da Sociologia? **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 45, n. 1, p. 45-61, 2014.
- LIMA, J. C. A reconfiguração da sociologia no Brasil: expansão institucional e mobilidade docente. **Interseções**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 7-48, 2019. <https://doi.org/10.12957/irei.2019.42300>
- LIMA, J.; CORTES, S. M. V. A sociologia no Brasil e a interdisciplinaridade nas ciências sociais. **Civitas**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 416-435, 2013. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2013.3.16522>
- MARTINS, C. B.; WEBER, S. Sociologia da Educação: democratização e cidadania. *In*: MARTINS, C. B.; MARTINS, H. H. S. (orgs.). **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil**: Sociologia. São Paulo: ANPOCS, 2010. p. 131-201.
- MORAES, A. Ensino de Sociologia: periodização e campanha pela obrigatoriedade. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 31, n. 85, p. 359-382, 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622011000300004>
- NEVES, C. E. Baeta. Estudos Sociológicos sobre Educação no Brasil. *In*: MICELI, S. (org.). **O que ler na ciência social brasileira 1970-2002**. São Paulo; Brasília: Sumaré; CAPES, 2002. v. 4. p. 351-437.
- OLIVEIRA, A. Ensino de Sociologia: novas temáticas e experiências internacionais. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 11-16, 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S2175-62362014000100002>
- OLIVEIRA, A. O ensino de sociologia na educação básica brasileira: uma análise da produção do GT ensino de sociologia na SBS. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 11, n. 1, p. 55-70, 2016.
- OLIVEIRA, A. Um balanço sobre o campo do ensino de sociologia no Brasil. **Em Tese**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 6-16, 2015. <https://doi.org/10.5007/1806-5023.2015v12n2p6>
- OLIVEIRA, A.; BINSFELD, W. O Ensino de Ciências Sociais na Região Sul: Instituições e Pesquisadores. **Revista Brasileira de Sociologia**, Brasília, v. 6, n. 14, p. 63-85, 2018. <http://dx.doi.org/10.20336/rbs.422>
- OLIVEIRA, A.; SILVA, C. F. A sociologia e os sociólogos da educação no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 31, n. 91, p. 1-15, 2016. <http://dx.doi.org/10.17666/319108/2016>
- OLIVEIRA, A.; SILVA, C. F. Mapeando a sociologia da educação no Brasil: análise de um campo em construção. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 9, n. 2, p. 289-315, 2014. <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2014v9n2p289-315>

- PEREYRA, D.; BLANCH, M. B.; PAIVA, V.; LAZARTE, L.; VILA, E. Atención, sociólogos trabajando. Desafíos de la inserción profesional de los primeros sociólogos y sociólogas en Argentina (1961-1985). **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 14, n. 31, p. 227-255, 2015. <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7984.2015v14n31p227>
- RÖWER, J. E. Estado da arte. Dez anos de Grupos de Trabalho (GTs) sobre ensino de Sociologia no Congresso Brasileiro de Sociologia (2005-2015). **Civitas**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 126-147, 2016. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2016.3.24754>
- SCALON, C.; MISKOLCI, R. Internacionalização: balanço e desafios para a sociologia brasileira. **Revista Brasileira de Sociologia**, Brasília, v. 6, n. 13, p. 122-135, 2018. <http://dx.doi.org/10.20336/rbs.261>
- SCOTT, P. Poder, pluralidade estratégica e hierarquização interna em antropologias nacionais. In: SCOTT, P.; CAMPOS, R. B. C.; PEREIRA, F. (orgs.). **Rumos da Antropologia no Brasil e no Mundo: geopolíticas disciplinares**. Recife: EDUFPE, 2014. p. 99-125.
- SILVA, I. L. F. O Ensino das Ciências Sociais/Sociologia no Brasil: histórico e perspectivas. In: MORAES, A. C. de (org.). **Coleção Explorando o Ensino de Sociologia**. Brasília: MEC, 2010. p. 23-31.
- SILVA, I. L. F.; LIMA, Â. A formação continuada de professores/as de sociologia da educação básica e os desafios para a pós-graduação stricto sensu. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, p. 35-49, 2017. <https://doi.org/10.34019/2318-101X.2017.v12.12352>
- VITALE, P. A sociologia frente aos riscos dos livros didáticos de ciências econômicas e sociais. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 14, n. 31, p. 114-131, 2015. <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2015v14n31p114>
- WEBER, S. **O Professorado e o Papel da Educação na Sociedade**. Campinas: Papyrus, 1996.
- WEBER, S.; LEITHAUSER, T. Ética, moral e política na visão de professores brasileiros e alemães. **Estudos de Sociologia**, Recife, v. 16, n. 1, p. 87-108, 2010.

Resumo

O ensino de sociologia como tema de pesquisa nas ciências sociais brasileiras

O ensino de sociologia aparece como tema recorrente nas ciências sociais brasileiras ao menos desde a realização do *I Congresso Brasileiro de Sociologia* em 1954. Desde então, o processo de expansão do sistema de ensino (incluindo a educação secundária e o ensino superior) redimensionou o debate. Em período mais recente, com a reintrodução da sociologia no currículo escolar em 2008, o debate ganha maior visibilidade nas ciências sociais. Neste artigo, analisamos a produção em revista publicada por programas de pós-graduação em sociologia/ciências sociais e por associações científicas nacionais de sociologia/ciências sociais, buscando captar o que tem sido publicado sobre ensino de sociologia nessas revistas no período compreendido entre 2008 e 2017. Observou-se que a maior parte das revistas analisadas já publicou artigos sobre o tema, principalmente por meio de números especiais, concentrando essa produção em um número relativamente pequeno de pesquisadores. Os dados apontam para um processo de consolidação da temática, ainda que ela permaneça relativamente periférica, dada a dificuldade de encontrarmos artigos fora dos dossiês temáticos, além de predominar a participação de agentes que ocupam uma posição periférica no campo acadêmico.

Palavras-chave: Ensino de sociologia; Sociologia escolar; Formação de professores; Campo acadêmico.

Abstract

The teaching of sociology as a research theme in the brazilian social sciences

The teaching of sociology appears as a recurring theme in the Brazilian social sciences at least since the *I Congresso Brasileiro de Sociologia* (First Brazilian Congress of Sociology) in 1954. Since then, the process of expanding the education system (including secondary and higher education) has re-dimensioned the debate. More recently, with the reintroduction of sociology into the school curriculum in 2008, the debate gains greater visibility in the social sciences. In this article we analyze the production of journals published by postgraduate programs in sociology/social sciences and by national scientific associations of sociology/social sciences, seeking to capture what has been published about teaching sociology in these journals from 2008 to 2017. It has been observed that most of the journals analyzed have already published articles on the subject, mainly by means of special issues, concentrating this production on a relatively small number of researchers. The data point to a process of consolidation of the theme, although it remains relatively peripheral, given the difficulty of finding articles outside thematic dossiers, in addition to the predominance of the participation of agents that occupy a peripheral position in the academic field.

Keywords: Teaching sociology; School sociology; Teacher training; Academic field.

Résumé

L'enseignement de la sociologie comme theme de recherche dans les sciences sociales bresiliennes

L'enseignement de la sociologie apparaît comme un thème récurrent dans les sciences sociales brésiliennes, du moins depuis le Premier Congrès Brésilien de Sociologie en 1954. Depuis lors, le processus d'expansion du système éducatif (y compris l'enseignement secondaire et supérieur) a redimensionné le débat. Plus récemment, avec la réintroduction de la sociologie aux programmes scolaires en 2008, le débat a gagné en visibilité dans les sciences sociales. Dans cet article, nous analysons la production de revues publiées par des programmes de troisième cycle en sociologie/sciences sociales et par des associations scientifiques nationales de sociologie/sciences sociales, cherchant à saisir les publications sur l'enseignement de la sociologie de 2008 à 2017. La plupart des revues analysées ont déjà publié des articles sur le thème, principalement par le biais de numéros spéciaux, concentrant cette production sur un nombre relativement restreint de chercheurs. Les données indiquent un processus de consolidation du thème, même s'il reste relativement périphérique, compte tenu de la difficulté de trouver des articles en dehors des dossiers thématiques, en plus de la prédominance de la participation d'agents occupant une position périphérique dans le monde académique.

Mots-clés: Enseignement de la sociologie; Sociologie scolaire; Formation des enseignants; Champ académique.

